

Ata da Conversação

“INSTALAÇÕES ANALÍTICAS II”

9 de junho de 2024

Com uma importante participação – de mais de 260 pessoas – por via virtual, teve lugar o encontro dos participantes da Rede de Psicanálise Aplicada da FAPOL, que contou com a presença de colegas, membros e não membros das três Escolas da América: EOL, EBP e NEL.

Sob o título *INSTALAÇÕES ANALÍTICAS II, Qual lugar para o sintoma e a transferência na prática institucional?* ocorreu uma conversação enriquecedora e muito viva, em torno das questões e perguntas que surgiram a partir das elaborações apresentadas por colegas que compartilharam seus escritos e reflexões a partir de sua experiência no campo institucional, orientados pelas perguntas enviadas previamente a todos os participantes da Rede: O sintoma e o inconsciente hoje, Que lugar para o sintoma na prática clínica que realizamos hoje nas instituições? Como fazemos existir o inconsciente? O que da transferência?

Em uma breve introdução realizada pelas coordenadoras da RPA, expuseram a importância e relevância do tema a ser trabalhado, a forma e os momentos do encontro da manhã.

Inicialmente foram apresentados três trabalhos: **“Entre o clínico e o administrativo, a orientação pelo sintoma”** pelos colegas da NEL: Lilibeth García, Roberto Galván, e Macking Limache, seguido de um comentário de Paula Borsoi. **“O sintoma como orientador do caso clínico em uma Instituição”** apresentado por Patricia Guimarães da EBP, foi comentado por Gabriela Salomon e **“Notas sobre uma prática Institucional com adolescentes em coordenadas de urgência”** por Gustavo Moreno e comentado por Laura Arciniegas.

Em um segundo momento, as perguntas feitas pelos colegas participantes da Rede das três Escolas aos colegas da mesa animaram uma frutífera conversação. As perguntas foram feitas por Gustavo Saraceno, Eugenia Andrade (EOL Mendoza), Valeria Vinocur (EOL Córdoba), Carolina Alcuaz (EOL Bs As) ao trabalho da NEL. Carolina Carrillo (NEL Caracas), Franco Masi (EOL San Juan), Eugenia Brulo (EOL Bs As) fizeram perguntas ao trabalho da EBP e José Miguel Ríos (NEL Lima), Marisa de Vita (EBP)-e Soledad Alvarado (NEL Lima) fizeram perguntas ao trabalho da EOL. Isso possibilitou uma maior participação de colegas que também enviaram importantes elaborações e reflexões sobre o tema proposto para este encontro.

A conversação girou em torno de pontos centrais, dos quais destacamos os seguintes:

*Fazer surgir o sujeito que não está dado de entrada no âmbito da instituição, resgatar seu dizer e dar lugar a sua singularidade é o que se espera de um praticante que, na posição de analisante, enoda seu desejo de analista a sua formação.

*Pôr em forma o sintoma do sujeito, não sem a manobra da transferência, é uma orientação que abre à possibilidade de iniciar um trabalho propriamente analítico. Isso terá que ser visto em cada lugar e caso por caso. É possível também dar lugar ao sintoma institucional?

*O que o discurso analítico pode acrescentar ao manejo com o paciente na instituição? Diferenciar-se da resposta psicoterapêutica e dar lugar ao arranjo sintomático particular de um sujeito é uma via de orientação para abrir-se a efeitos do discurso analítico.

*Propiciar um lugar de borda, *em* e *para* o encontro, um possível intercâmbio com outros discursos parece desejável, cuidando, a cada vez, para não se colocar como discurso dominante, o que não é próprio do discurso analítico. Reintroduzir, a cada vez, a dimensão do sintoma e o valor da nossa perspectiva sobre ele, no encontro com outros discursos, pode permitir o intercâmbio e a conversação com outros saberes, indo cada vez mais além dos protocolos e das estatísticas para resgatar o mais singular do dizer do sujeito.

*Qual o lugar para a supervisão e para a investigação na prática institucional? A instituição é um sintoma social? São algumas das perguntas que ficaram abertas para serem retomadas nas próximas conversações.

*Perante o discurso do mestre, o discurso analítico pode introduzir giros fundamentais na solução sintomática singular, caso a caso, e vez por vez, subvertendo e dando lugar à solução própria e única de um sujeito, favorecendo a transformação de um sintoma, tornando-o mais vivível; isso, quando o praticante sabe que o saber está do lado do sujeito e pode – por sua própria formação – escutá-lo, lê-lo e atuar conseqüentemente com sua orientação pelo real.

Finalmente, as palavras de encerramento por parte de Fernanda Otoni, recolheram de forma viva e especial os eixos e pontos de orientação da conversação, assim como os alcances e possibilidades do discurso analítico nas instituições e na cidade. Dada sua importância, para continuar orientando o trabalho da REDE, compartilhamos sua intervenção completa a seguir.

Gabriela Salomon (EOL), Paula Borsoi-(EBP), Laura Arciniegas (NEL)

Responsáveis da RPA da FAPOL.